



### HISTÓRIA

Prescott Bush (avó de George W. Bush) e outros diretores da Union Banking Company foram grandes colaboradores dos nazis e lucraram-se com eles. Em começos de 1922, o empresário ferroviário W. Averell Harriman viajou a Berlim e entrevistou-se com a Família Thyssen para analisar a fundação dum banco germano-ianque.

### CRIAÇOM

María do Cebreiro Rábade Villar era investigadora até que o capitalismo mal chamado crise acabou com a investigação porque sai mui cara. Também é escritora, apesar do capitalismo, ou se quadra por causa dele. Este mês colabora com o Novas da Galiza com umha pequena peça teatral tam grande que nom há crise, nem capitalismo, nem muro que acabe com ela.

### CINEMA

O documentário “Em companhia da morte”, de Vanessa Vilaverde, João Aveledo e Eduardo Maragoto, feito na Galiza em 2011, foi estreado no lugar de investigação, na vila de Castro Laboreiro, no passado 12 de fevereiro deste ano de 2012. Aborda um dos temas que mais atemoriza a gente: a assunçom de que a morte está à nossa espera ao final do caminho.

## A GALIZA NATURAL

# Morcegos, os senhores das trevas

João Aveledo

“Quando a criança, que era ontem orgulho da mãe, perde cor e forças, se torna lânguido e se extingue, é que a meiga chuchona lhe sugou o sangue”.

(Manuel Murguía)

Embora seja hábito associarmos vampirismo a Drácula, alcunha do príncipe Vlad III da Valáquia, a mitologia vampírica é comum a muitas culturas, a nossa incluída. No ano de 1575 realizava-se em Compostela o auto-de-fé dos primeiros bruxos galegos sentenciados polo Tribunal do Santo Ofício. Uma das condenadas era Domingas da Serra, labrega de Viade, acusada formalmente de ser uma meiga chuchona, que bebía o sangue de recém-nascidos.

Ora, os vampiros existir, existem. Os verdadeiros vampiros são três espécies de morcegos hematófagos (alimentam-se exclusivamente de sangue), que vivem no Brasil e noutros países da América tropical, mas não na Galiza,



nem na Europa, onde os morcegos são exclusivamente insetívoros.

Injustamente mal-amados, considerados criaturas demoníacas, houve sempre ao redor destes animais uma série de lendas e falsas crenças, que têm excitado a animosidade popular contra eles. Verdadeiramente, o único perigo

que representam para nós estaria numa pouco provável transmissão de doenças por mordida, no caso de os manipularmos sem a adequada proteção.

Segundo nos contam os autores do *Atlas de Morcegos da Galiza*, são vinte e três as espécies de quirópteros citadas até o momento no nosso país (uma informação

Considerados criaturas demoníacas, houve sempre ao redor destes animais uma série de lendas e falsas crenças, que têm excitado a animosidade popular contra eles. Na verdade, o único perigo que representam para nós estaria numa pouco provável transmissão de doenças por mordida, no caso de os manipularmos sem a adequada proteção

em constante atualização, pois há ainda muito por investigar). Nesta população incluem-se desde o comum morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*), que podemos ver por toda a parte, ao raro morcego-rabudo (*Tadarida teniotis*), uma espécie restrita à Galiza mais marcadamente mediterrânica, que surpreende polo seu grande tamanho (é o maior dos morcegos ibéricos) e por apresentar uma cauda visível, caso único entre os quirópteros europeus.

Os morcegos são os únicos mamíferos alados. Possuem um sofisticado sistema de ecolocaliza-

ção mediante a emissão de ultrasons, que lhes permite voar de noite. Junto com os golfinhos, podem-se considerar os inventores do radar e do sonar.

Organismos internacionais de conservação da natureza decidiram declarar 2011 e 2012 como os anos dos morcegos. Muitas são as ameaças que pesam sobre os nossos morcegos e parece constatar-se uma regressão generalizada das suas populações. Se tradicionalmente, como já vimos, era um grupo de animais malvisto, mortos sem piedade sempre que se podia, hoje os perigos que enfrentam são ainda maiores: a perturbação das colónias, por alteração e destruição dos abrigos onde hibernam e criam (p.ex. obras de restauro de edifícios antigos ou os novos modelos de construção rural, que os deixam sem faiados, buracos ou fendas onde se refugiar, o espeleoturismo em covas, o abatimento de árvores velhas...), o uso de praguicidas que tem feito diminuir a abundância e diversidade das suas presas e que tem envenenado os próprios morcegos por ingestão de insectos contaminados e, já nos últimos anos, a colisão com os aerogeradores que invadem as nossas serras.

Agora que, conforme as noites aquecem, acordam os inofensivos morcegos do seu letargo hibernar, não lhes “fechemos” as nossas casas.



# A BURGUESIA E AS SUAS LIGAÇÕES COM O NACIONAL-SOCIALISMO

Quando estudamos o fenômeno do Nazismo surge-nos amiúdo umha série de dúvidas. Como é possível que um partido de recente criação tivesse tanta força a nível económico e propagandístico e obtivesse um ascenso ao poder tam rápido em tam pouco tempo? Achegamos elementos para a análise.

Borja Castro

A posição humilhante na Primeira Guerra Mundial, umha grande crise económica que afetava o país, um nacionalismo em alta por mor da derrota e a procura dum líder carismático que fosse capaz de deter o máximo “terror” para a burguesia, o socialismo soviético e o movimento comunista alemão (o qual medrava rapidamente), fôrom os principais motivos da aparição do Nacional-Socialismo em começos da década de 1920. Destacar que os acontecimentos de 1918 (Revolução Alemã) e 1919 (Criação da República de Conselhos e Obreiras/os e soldadas/os do Estado de Baviera) fôrom reprimidos brutalmente polo Estado Burguês da Alemanha e pelos paramilitares fascistas dos “freikorps”, dos quais curiosamente num futuro sairám líderes e militantes do Partido Nazi.

O Partido Nazi e a sua ideologia, o Nacional-Socialismo, tiveram grandes seguidores nom apenas na burguesia do seu próprio país, mas também em países como os Estados Unidos da América. Banqueiros de Wall Street (entre outros) financiárom a ascensão ao poder de Hitler, tirando grandes lucros, e o que é ainda mais incrível é que a família do ex-presidente Bush formou parte destes grupos de pessoas que se lucrárom e que apoiárom o movimento nazi.

## Implicação norte-americana

Os autores norte-americanos Webster G. Tarpley e Anton Chaitkin, em “George Bush: The Unauthorized Biography”, explicam como Prescott Bush (avô de George W. Bush) e outros diretores da Union Banking Company foram grandes colaboradores dos nazis e se lucrárom trabalhando com eles.

Em começos de 1922, o empresário de transporte ferroviário W. Averell Harriman viajou a Berlim e entrevistou-se com a Família Thyssen para oferecer a possibilidade da fundação dum banco



germano-estado-unidense. Os Thyssen já eram donos de várias instituições financeiras que lhes permitiam transferir os seus quartos da Alemanha para a Holanda, e da Holanda para os EUA.

Na década de 1920, um membro desta família da alta burguesia alemã, Fritz Thyssen – autor do Livro “Eu Financiei Hitler” – entregou 25 mil dólares ao recém-nascido Partido Nacional Socialista Alemão, convertendo-se no homem que mais dinheiro forneceu ao movimento racista alemão.

## A família Bush coopera

Thyssen, em começos dos anos 30, sentindo umha grande admiração por Hitler e pola sua capacidade de manejar as massas, filiar-se-ia ao Partido Nazi, sendo na altura um dos homens mais poderosos na maquinaria de guerra nazi. Preside também a German Steel Trust, consórcio da indústria do aço fundado por Clarence Dillon, um dos homens fortes de Wall Street. Um colaborador de confiança foi Samuel Bush,

pai de Prescott Bush, avô de George Senior e bisavô de George Junior.

No 1923, Harriman e os Thyssen decidem criar o banco e designárom como presidente George Herbert Walker, sogro de Prescott Bush. Já em 1926, criárom a

O fascismo apresentou-se perante as massas obreiras como o seu defensor: o partido de classe obreira de que eles precisavam, apelando também para um nacionalismo bélico, chauvinista e de sentimento nacional ferido. Mas a realidade é que nom deixa de ser umha ideologia que nasce da decadência do sistema capitalista, como um fator da sua ulterior decomposição

Union Banking Corporation (UBC) deixando à frente desta Prescott Bush. Também em 1923, Prescott Bush foi nomeado vice-presidente e sócio da Brown Brothers Harriman. Com ambas as firmas, os Thyssen poderiam enviar o seu dinheiro da Alemanha para os EUA, via Holanda.

Ainda que é certo que outras entidades como a Standard Oil e o Chase Bank dos Rockefeller ajudárom os nazis economicamente, os interesses de Prescott Bush (lembramos, avô de George W. Bush Senior) “som mais profundos e sinistros”, escreve o economista norte-americano Victor Thorn, abrigando o capital nazi em território dos EUA.

Portanto, tiramos como conclusão que a UBC recebia o dinheiro desde os Países Baixos e que a Brown Brothers Harriman o reenviava. E quem fazia parte da direção dessas duas companhias? Prescott Bush em pessoa, o primeiro branqueador de dinheiros dos nazis.

Tarpley e Chaitkin escreverom na sua obra: “Umha parte importante das receitas financeiras que enriquecêrom a família Bush foi constituída através do seu apoio e ajuda a Adolf Hitler”, tirando como conclusão que Bush pai e Bush filho chegárom ao cimo da hierarquia política norte-americana graças a que o seu pai, o seu avô e, em geral, a sua família ajudárom financeiramente os nazis.

Posteriormente, em outubro de 1942, o Governo norte-americano apreendeu os fundos bancários nazis de muitas destas empresas, como a UBC dos Bush, a Holland-America Trading Corporation, etc., acusadas de serem entidades financeiras e comerciais que colaboravam com o inimigo. Em novembro de 1942, outra sociedade também dirigida polos Bush entre outros, a Silesian-American Corporation, foi penhorada pola mesma Lei sobre o comércio com o inimigo. Também podemos destacar os relatórios secretos holandeses e norte-americanos que confirmam “os laços diretos entre Prescott Bush, a família Thyssen e os Nazis”.

Prescott Bush (avô de George W. Bush) e outros diretores da Union Banking Company foram grandes colaboradores dos nazis e lucrárom-se com eles. Em começos de 1922, o empresário ferroviário W. Averell Harriman viajou a Berlim e entrevistou-se com a Família Thyssen para analisar a fundação dum banco germano-iano

## Nascido da decadência capitalista

É certo que estas pessoas nom fôrom as únicas que financiárom o Nacional-Socialismo, e que numerosos empresários e grandes magnates alemães colaborárom com eles, mas é de destacar a participação de importantes pessoas do mundo estado-unidense, os quais, tudo seja dito, nom chegárom a entrar em prisom e posteriormente voltariam a recuperar umha grande quantidade de dinheiro obtida destas operações.

Dimitrov dizia que o fascismo se apresentou perante as massas obreiras como o seu defensor: o partido de classe obreira de que eles precisavam, apelando também para um nacionalismo bélico, chauvinista e de sentimento nacional ferido. Mas a realidade é que nom deixa de ser umha ideologia que nasce da decadência do sistema capitalista, atuando como um fator da sua ulterior decomposição, estando ao serviço do imperialismo como a história já tem demonstrado.

Umha grande crise económica propiciou a aparição do Nacional-Socialismo em começos da década de 1920. Os acontecimentos de 1918 (Revolução Alemã) e 1919 (Criação da República de Conselhos e Obreiras/os e soldadas/os do Estado de Baviera) fôrom reprimidos pelos paramilitares fascistas dos “freikorps”, dos quais curiosamente sairám líderes e militantes do Partido Nazi





## A FOTO



S. Rei

**G**aliza está em alerta por seca. A ausência de chuvas está a converter-se em anormal normalidade, e numa época na que os encoros deberam estar practicamente ao 100% de ocupação e no que as precipitações teriam que ser mais que suficientes para regar as hortas, os agricultores veem-se na obriga de recurrir ao regadio e olham ao céu com preocupação. Menos problema tenhem algumas espécies animais em ajustar os seus relógios biológicos. E ainda que o habitual é que as cegonhas comecem a aninhar arredor do mês de abril, neste fevereiro alguns campanários e outras localizaçons estratégicas já foram tomadas por estas aves, que animadas polas estivais temperaturas adiantárom a época de cria.

dor do mês de abril, neste fevereiro alguns campanários e outras localizaçons estratégicas já foram tomadas por estas aves, que animadas polas estivais temperaturas adiantárom a época de cria.

## CRIAÇOM

No pólo oposto das construçons faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia oferecemos este espaço de criaçom. Com cada novo número achegamos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

María do Cebreiro Rábade Villar colabora neste mês com o NGZ com umha peça teatral que ela chama pequena, mas que a nós nos parece imensa.

# As branhas

(Pequena peça de teatro político)



María do Cebreiro

Falam A e B, presos.  
**Primeiro ato**

A  
-Creio que nom te entendo: di-me que estás bem.  
-Ontem sonhei que nos fecharam juntos.  
-Mirava-te com o sangue a correr polas pernas.  
-Parecia-me impossível que aquele homem te estivesse a tocar.

B  
-Os verdugos som suaves com as mulheres.  
-Dim que estão da tua parte, e logo já nom podes sentir medo.  
-Fam que te sintas bem e que te sintas mal ao mesmo tempo.



A  
-Nós por que nunca nos tocamos?

B  
-Se quadra atuávamos para nom estar sós.

A  
-Figêmo-lo porque sabíamos que algum dia a fame remataria e quando rematasse algo mais haveria que fazer.

**Segundo ato**

A  
-Desde a prisom às vezes veem-se as branhas.  
-Som de água e de terra, e medram à medida que as miramos.

B  
-O sabom contra o corpo ajuda-me a lembrar que tenho corpo.

**Terceiro ato**  
**Voz em off:**

Sentiam o calor debaixo dos seus pés.  
O brilho do cimento devolveu-lhes umha imagem do céu.  
Ela viu-no achegar-se.  
Para pensar naquele buraco teria que aprender a falar de novo.

Os dous fôrom condenados à pena máxima.  
O tribunal considerou decisivos os testemunhos dos seus companheiros de luta.



# ‘Em companhia da Morte’, um documentário galego e universal

Francesco Traficante

Com esta mensagem tam lúcida e clarificadora, acaba resumindo umha das protagonistas do filme as mudanças produzidas na percepção da morte na nossa sociedade nestas últimas décadas. Aparece quase ao final do documentário “Em companhia da morte”, de Vanessa Vilaverde, João Avelado e Eduardo Maragoto. Feito na Galiza em 2011, a sua estreia foi no lugar de investigação, na vila de Castro Laboreiro, no passado 12 de fevereiro deste ano de 2012. O documentário aborda um dos temas que mais atemoriza a gente: a assunção de que a morte está à nossa espera ao final do caminho. Mas nom é só isso. “Em companhia da morte” é muito mais. Este documentário galego do ano passado, tal como se passa noutros documentários, sendo interessante e entretido, ainda contribui com algo mais valioso se couber, que é a seçon documentos, que temos num segundo disco ou DVD. Mas cingindo-nos ao documentário propriamente dito, contribui com algo totalmente novo, e é apresentar-nos as velhas vozes do povo de um modo direto para falarmos de “acompanhamentos”, “estântegas” e outras figuras associadas à morte ou ao seu anúncio, tal como eram chamadas polo povo antes de que a mística do galeguismo cultural as convertesse em figuras literárias como a “Santa Companhia”. Curiosamente, o nome literário ficou fixado no imaginário popular, tal e como o Samain tem sido recuperado na cultura galega através da moda norte-americana do Halloween de origem irlandesa. Mas o que chama mais a atençom é ver ao vivo, e nom apenas em livros de antropologia, o sincretismo religioso entre o cristianismo oficial e as crenças populares pré-cristãs em boca das mulheres entrevistadas ao longo do documentário. Observamos umha realidade social em processo de desaparecimento, onde as próprias pessoas protagonistas certificam que o seu é um mundo já mais do passado, sem nem por isso renunciarem a ele. Além dis-



to, no documentário aparecem tratados também outros temas, como a solidom das pessoas idosas, as mudanças que trouxe a rádio e a televisom, e sobretudo as diferenças entre antes e agora no nosso enfrentamento com a morte. De facto, tanto nos depoimentos do lado português como no galego explicam o fim destas visons e crenças com a chegada da eletricidade, que escorrenta os “espíritos”. No meio, umha descriçom pormenorizada e interessantíssima do que é o acompanhamento, que som os espíritos daqueles que anunciam e acompanham o morto ou a pessoa que vai morrer, ou o que é umha estântega (conceito aparentado com a “estadia” doutros lugares da Galiza e do norte de Portugal), o papel dos animais no anúncio da morte iminente de alguém, ou as candeias ou luzes como espíritos dos mortos. Um outro tema fulcral no documentário é o diferente papel que umha volta jogavam os cregos, que incorporavam essas crenças no seu relacionamento com os seus fregueses, benzendo santinhos

ou crianças com problemas, para com litánias solucionarem-lhes os seus pequenos problemas diários, enquanto, em boca de umha das senhoras entrevistadas, “agora a gente já nom vai” porque os padres “até se ríem da gente”. Mas se queremos procurar umha visom mais global deste tema, o disco dos documentos permite-nos aprofundar muito mais. Desde a localização geográfica e o contexto antropológico onde tiveram lugar estas entrevistas, com a viagem a Castro Laboreiro, no concelho de Melgaço, onde podemos ver desde umha matança do porco até umha feira do cam de raça próprio da zona, passando por descriçom populares de bruxas, tipologias de lobisomens, até a magia do número sete repetido em inúmeras estórias. Poderemos também aprofundar mediante mais testemunhas no estudo do que se entende popularmente por acompanhamento, estântegas, candeias, sinais ou o tipo de religiosidade e ritos fúnebres que existiam tradicionalmente na zona. Neste ponto é interes-

Umha realidade em processo de liquidaçom, onde as protagonistas certificam que o seu é um mundo já mais do passado, sem por isso renunciarem a ele

sante ver o remédio da água das sete fontes que propus o antigo padre Aníbal a umha mae para curar a insónia da sua criança, ou o conceito e desenvolvimento tradicionais do velório e do luto, com a sua classificaçom em duraçom em funçom da maior ou menor proximidade familiar de pessoa finada. Depois vem umha interessantíssima entrevista com duas senhoras galegas de Entrimo, onde vemos as coincidências e diferenças entre umha e outra parte da raia, onde o que difere é sobretudo a reticência e complexos das senhoras para reconhecerem as suas próprias crenças, por terem sido ridiculizadas por isso, para afinal soltarem-se e reconhecer a sua profunda convicçom da existência desses espíritos e das suas manifestaçom. Temos umha conversa com o atual padre em Castro Laboreiro, onde defende a postura oficial da Igreja e se confirma esse certo afastamento dos fregueses de que se queixava antes a senhora. E para acabar, umha valiosíssima e esclarecedora entrevista com um dos antropólogos galegos melhor conhecedores das manifestaçom populares arredor do tratamento da morte na cultura tradicional galega, o antropólogo Marcial Gondar, do que recomendo encarecidamente a leitura de qualquer um dos seus trabalhos, nomeadamente “Crítica da Razom Galega”, para melhor compreendermo-nos a muitos níveis, mesmo de comportamento político, e que nos acaba por dar todas as chaves para perceber todo o visto no material anterior. Documentário a nom perder e a ter com mimo na estante dos nossos vídeos favoritos.

## PALAVRAS ESTRANHAS QUE NOM NOS PEGAM

Valentim R. Fagim

Olá, como está a avó?

Está bem, só se queixava de que tinha... como era que dizia?... umha palavra rara das que usa ela... bom, que lhe picava.

-Comichom

-Ah, sim, comichom.

Esta conversa decorreu na Galiza e, com milhares de variantes, acontece todos os dias. Vem a evidenciar um dos sintomas da fraqueza social da nossa língua: as palavras que som diferentes que em castelhano sofrem erosom e desaparecem. A estratégia diferencialista implementada a partir das instituições parece nom ter tido muito sucesso em reverter esta situaçom. De resto, nom admira, os vimes som os que som.

Na cidade da Corunha, recentemente, umhas moças iam a cantar a viva voz: *Nossa, nossa, Assim você me mata. Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego. Delícia, delícia. Assim você me mata. Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego.* Depois faziam comentários na sua língua pessoal, o castelhano.

Saberiam que Pegar quer dizer Apanhar e nom Bater? Sei lá, mas se tivessem curiosidade, e pegassem num dicionário, poderiam comunicar com a avó que tinha comichom.